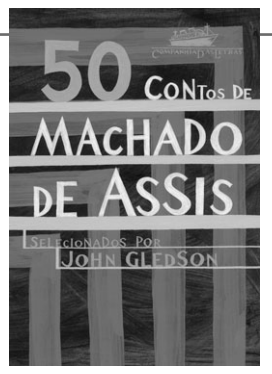


Elias Ribeiro Pinto
eliaspintopa@uol.com.br



50 CONTOS DE MACHADO DE ASSIS
Seleção, introdução e notas de John Gledson
Companhia das Letras, 488 páginas, R$ 39,50

Fume, coma, beba Machado de Assis. Sem moderação

Todo ano, sem falta, eu relia o meu Machado de Assis basicão (ui, essa doeu). Costumava alternar minhas revisitações ao Bruxo com as leituras da hora, do batente. Foi assim que li pelo menos umas quatro ou cinco vezes aquele que, entre seus grandes romances, é o meu preferido: *Dom Casmurro*. Com um tanto de estimação pelo *Memorial de Aires*. Deixando escapar uma piscadela para as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

De uns tempos para cá, no entanto, não tenho tido tempo de renovar esse prazer, cultuar essa tradição renovadora. Sim, pois ao reler Machado, descobrimos discursos que nos ficaram surpreendentemente velados na leitura anterior, desvãos e rodapés não percebidos, ângulos até então insuspeitos de certos personagens, mesmo os principais, os protagonistas, e principalmente estes.

A leitura de lançamentos, de novos trabalhos, tem me tomado o tempo já escasso, dividido com compromissos da escrita diária & de outros escritos da hora. O prazer das releituras tem ido para o beleléu. Pois se é assim, um lançamento vai me permitir retomar, na unha, o autor de *Quincas Borba* (romance que preciso, a propósito, urgentemente reler).

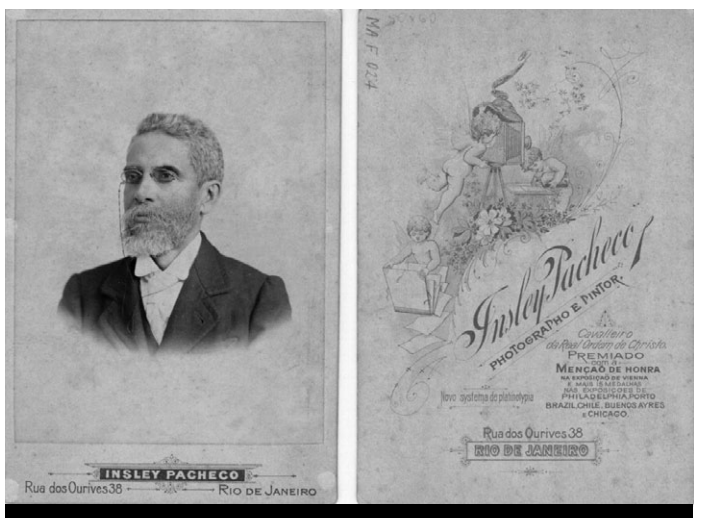
Às vésperas do centenário da morte de Machado de Assis (1939-1908), que movimentará o cenário literário no próximo ano, sua obra permanece à frente do debate literário no Brasil. A publicação desta coletânea, *50 Contos de Machado de Assis*, antecede a data e é um bem-vindo convite para nos reaproximarmos do maior escritor do país.

Confesso que, ao contrário dos romances de Machado, que me são familiares como a casa em que moro, nunca fui um leitor lá muito aplicado de seus contos, que sempre li desordenadamente, sem filiá-los à obra, ao momento literário do autor.

E nisso pareço seguir uma tendência crítica, leitora. Nos últimos anos, os estudos machadianos produziram contribuições significativas principalmente no âmbito do romance e da crônica, e o conto acabou relegado a segundo plano. Daí o ensejo desta nova antologia de contos, selecionada por um especialista em Machado, o brasilianista John Gledson, e que inclui textos famosos mas também escolhas mais inusitadas, além de uma apresentação convidativa e notas esclarecedoras.

Entre outros livros sobre literatura brasileira, o inglês John Gledson dedicou três títulos a Machado: *Machado de Assis: Ficção e História*, o excelente *Machado de Assis: Impostura e Realismo* e o mais recente, *Por um Novo Machado de Assis*, além de lhe ter editado dois volumes de crônicas. Traduziu diversos livros do português para o inglês – além de *Dom Casmurro*, dois romances de Milton Hatoum (*Relato de um Certo Oriente* e *Dois Irmãos*).

Como diz Carlos Drummond de Andrade, citado por Gledson na introdução que preparou para os *50 Contos de Machado de Assis* (cujo trecho inicial reproduzo a seguir), ler Machado de Assis é "quase como um vício a que tivesse de resistir". Leitores, não resistam. Viciem-se em Machado de Assis.



Carlos Drummond de Andrade dizia que ler Machado de Assis era uma tentação permanente, quase como se fosse um vício a que tivesse de resistir (Machado de Assis, em foto do final da década de 1880)

Uma breve introdução aos contos de Machado de Assis

John Gledson

Um homem que tem o estranho prazer de torturar ratos, e termina por encarar a morte da esposa com a mesma satisfação; outro que, abandonado a sós numa fazenda, se olha num espelho e descobre que seu reflexo desapareceu; uma ex-prostituta que ama profundamente um homem, porém o trai com um completo desconhecido quando o amado está fora da cidade; uma pacífica dona de casa que, depois de um arrufo com o marido, faz um alarmante passeio pelo centro da cidade e volta com alívio para o meio familiar; uma mulher tão obcecada em esconder a idade que impede a filha de se casar; um afortunado compositor de melodias populares que deseja desesperadamente escrever música clássica; um rapazinho de quinze anos que se deixa empolgar pela visão dos braços de uma mulher mais velha; um casal empobrecido que adora dançar e termina esbanjando numa festa o prêmio ganho na loteria... Essas são algumas das situações e personagens dos contos deste livro. Algumas o leitor há de reconhecer de imediato, mas, com um pouco de sorte – visto que esta antologia é mais abrangente que de costume e inclui escolhas não usuais –, há de encontrar velhos amigos, mas também conhecerá outros pela primeira vez, e a amplitude e sutileza destes textos, o prazer que se extrai da observação de pequenos detalhes, e da maneira como as histórias são contadas, vão fazê-lo ler, reler e redescobrir o maior escritor brasileiro. Carlos Drummond de Andrade dizia que ler Machado de Assis era uma tentação permanente, quase como se fosse um vício a que tivesse de resistir: não há melhor lugar para se dedicar a tal vício do que este livro.

Machado escreveu cerca de duzentos contos. Os cinqüenta que escolhi foram todos escritos depois de 1878, quando ele tinha já quase quarenta anos, e 44 deles foram escritos na década seguinte – "Um homem célebre", certamente candidato ao melhor de quantos escreveu, foi publicado em 1888. Ao todo, Machado publicou, nesses dez anos, oitenta contos, numa espantosa explosão de criatividade, que também rendeu seu primeiro grande romance, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880).

Como isso aconteceu – por que aconteceu, e por que nesse momento? Nada é mais difícil de explicar do que a explosão de um gênio criador – e não devemos duvidar que é disso que se trata. Contos podem *parecer* fáceis, escritos algo apressadamente como uma espécie de subproduto de um trabalho mais sério e profundo para a realização de um grande romance, ou até como sintomas de uma incapacidade passageira de empreender "obras de maior tomo" (palavras de *Dom Casmurro*), mas nada está mais longe da verdade. Contos não são romances imperfeitos, ou até poemas em prosa – existem com seus direitos próprios e, além do mais, por essa época, quando Machado começou a escrever os seus melhores, o gênero estava conquistando uma nova dignidade, uma consciência nova dos seus poderes. Machado é um dos grandes pioneiros deste processo (ao lado de escritores mais jovens como Tchekhov e Maupassant) – o que de modo algum significa dizer que é primitivo. Mozart foi pioneiro em escrever para clarineta – mas seu concerto para clarineta jamais seria considerado "primitivo".

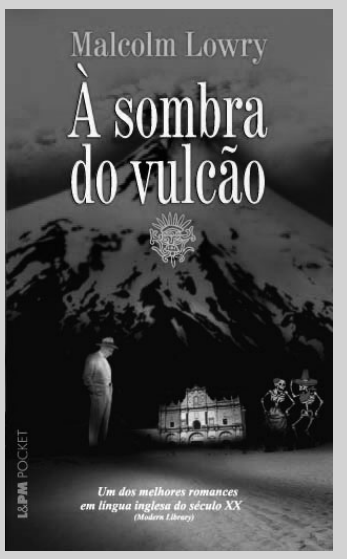
Em 1880, Machado estava com quarenta anos. É mais ou menos familiar a história do jovem mestiço, de origem pobre, criado sob a proteção de uma família aristocrática dos subúrbios do Rio, com a ambição de fazer carreira própria no pequeno mundo literário da época, e que subiu de aprendiz de tipógrafo até se tornar fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, e o mais respeitado dos escritores brasileiros. Mas qual era a ambição predominante em Machado? Ele foi uma pessoa cuidadosa, para não dizer calculista, e no começo dos anos 1870 já tinha assentado as bases daquilo que iria ser. Casara-se com uma moça acima de sua classe, uma mulher branca e portuguesa, Carolina Xavier de Novaes (é claro que não há motivo para duvidar de que a tenha desposado por amor, mas igualmente não se pode duvidar de que o fato foi uma "boa aliança" para ele); era alguém respeitado no panorama literário carioca, amigo e protegido da grande personalidade desse cenário, José de Alencar; e por último, mas não de menos importância, empenhou-se numa carreira de sucesso no funcionalismo civil do império – em 1868, embora tivesse sido liberal a vida inteira, sobreviveu a uma mudança de governo, de liberal a conservador, em parte usando seus laços com Alencar, e daí em diante não correu mais riscos de perder o emprego.

Chegara então o momento de utilizar a estabilidade social e financeira para fazer o que de fato queria, e foi isso, sua verdadeira ambição, mais que qualquer outra coisa, que tornou Machado a figura extraordinária que é.

[Trecho da introdução do livro *50 Contos de Machado de Assis*]

BALCÃO DE NOVIDADES

Cônsul à deriva



À SOMBRA DO VULCÃO
Malcolm Lowry
L&PM, tradução de Leonardo Fróes, 392 páginas, R$ 23

Eu certamente teria de abrir uma vaga para incluir *À Sombra do Vulcão* na minha lista dos dez romances mais importantes, ou preferidos, melhor assim, do século XX. Fui conquistado, sentimentalmente e literariamente (e às vezes os dois sentimentos são uma coisa só), pelo livro de Malcolm Lowry desde a primeira vez que o li, muito tempo atrás, numa esbodegada edição da Artenova. Aliás, não só eu comungo desse íntimo credo ao livro. A preferência é canônica, tanto que, em 1998, o comitê da prestigiosa editora Modern Library o elegeu como o 11º melhor romance do século XX.

Publicado em 1947, já foi dito que *À Sombra do Vulcão* talvez seja a melhor descrição de um 'bêbado' na ficção. O borracho em questão é Geoffrey Firmin, o Cônsul, personagem central do livro, cujas últimas horas de vida são narradas em meio ao cenário da carnavalesca festa mexicana dos mortos, regada a muito álcool e mescal.

O ano da narrativa é o de 1938. É o dia da Festa dos Mortos no México, e Geoffrey Firmin – ex-cônsul britânico, alcoólatra e um homem arruinado – está vivendo o último dia da sua existência. Afundado em bebida enquanto sua ex-mulher e seu meio-irmão tentam, inutilmente, ajudá-lo, o diplomata se vê transformado em uma figura trágica e sofrida.

A narrativa fragmentada, pontilhada de *flash-backs*, "essencialmente cinematográfica", como diz o poeta inglês Stephen Spender num ensaio sobre o romance, chegou, por isso mesmo, ao cinema, adaptada (eu gosto, e muito, do filme, mas sou suspeito) por John Houston, com interpretações de Albert Finney e Jacqueline Bisset.

O vício do Cônsul é tratado como uma espécie de jogo trágico e bem-humorado (e assim é o livro, denso e vibrante, caótico e luminosamente lúcido, como uma bebedeira das boas). Sua embriaguez, permanente, sintetiza seu dilema essencial entre a consciência plena de seu isolamento que conduz, por sua vez, à rejeição do amor. Mas, como ele próprio diz, e repete, "*no se puede vivir sin amar*", e assim, fiel a esse viver, não lhe resta outra saída senão a desintegração e a morte.

Malcolm Lowry nasceu na Inglaterra em 1909 e suicidou-se em 1957. Ele é daqueles autores cuja vida dialoga, conflituosamente, genialmente, com a obra, não sendo estranho a esse enovelamento literário-existencial a incompatibilidade de gênios. Ele foi marinheiro e estivador, viajou mundo, brigou e trocou tiros. Teve uma agitada vida acadêmica; flertou, como guitarrista amador de jazz, com a música. No Canadá, feito Max Martins, construiu sua cabana de Marahu, onde viveu com a segunda mulher. E lutou agonicamente contra o alcoolismo, agonia e êxtase presentes em sua obra maior e prima, este *À Sombra do Vulcão*.

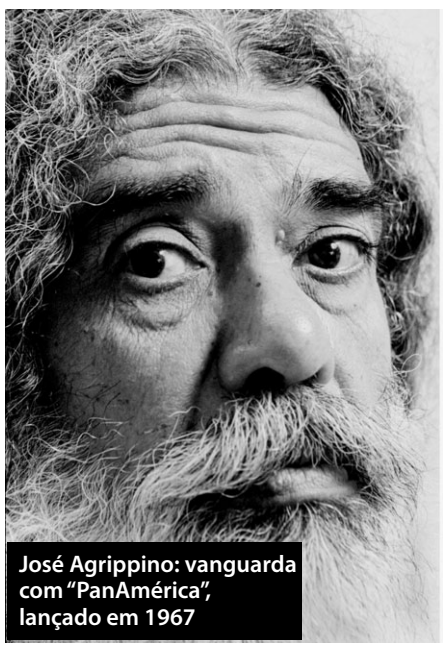
Em boa hora a L&PM reedita o livro, na sua simpática e convidativa (bom preço, bem-editada) coleção de bolso. E comparando com a publicação anterior, por uma outra editora, vejo que Leonardo Fróes reviu e corrigiu sua competente tradução.

JOSÉ AGRIPPINO DE PAULA (1937-2007)

Por falta de tempo, já no fechamento desta página, deixo para falar de José Agrippino de Paula numa próxima ocasião. Mas, aos que o leram ou dele ouviram falar, como registro, reproduzo, a seguir, o e-mail que recebi de Sérgio Pinto de Almeida, editor da Papagaio.

A Editora Papagaio informa que faleceu nesta quarta-feira, dia 4 de julho de 2007, na cidade de Embu das Artes, na Grande São Paulo, onde residia, o escritor José Agrippino de Paula. Vítima de infarto, José Agrippino faria 70 anos no próximo dia 13 de julho. De sua obra literária a Editora Papagaio lançou, em 2001, *PanAmérica* (com capa de José Roberto Aguilar e prefácio de Caetano Veloso) e em 2004, *Lugar Público* (com capa de Antonio Peticov e prefácio que reproduz texto da primeira edição do livro, de 1964, de Carlos Heitor Cony).

MAURÍCIO SIMONETTI



José Agrippino: vanguarda com "PanAmérica", lançado em 1967

Considerado um autor de vanguarda, que se auto definia como "filiado à pop art", José Agrippino de Paula deixou contos, ensaios, peças de teatro, roteiro de shows musicais e espetáculos de dança, além de romances inéditos e textos dispersos, sendo seu último texto o romance incompleto *Os Favorecidos da Madame Estereofônica*. Toda sua obra literária está sendo reunida e será lançada pela Editora Papagaio. O próximo texto a ser publicado será *Nações Unidas*, peça de teatro inédita e escrita nos anos 60, com lançamento previsto para o segundo semestre deste ano. Além disso, *PanAmérica* ganhará sua primeira edição no exterior: sairá em 2008 na França pela Édition Leo Scheer.

LIVRARIA NEWSTIME
OS MAIS VENDIDOS
3 X SEM JUROS
NO CARTÃO DE CRÉDITO

1 O Segredo — Rhonda Byrne
2 A Menina Que Roubava Livros — Markus Zusak
3 O Caçador de Pipas — Khaled Hosseini
4 A Lei da Atração — Michael Losier
5 Português do Dia-a-Dia — Sérgio Duarte
6 O Que Toda Mulher Inteligente Deve Saber — Carter/Sokol
7 Código da Vida — Saulo Ramos
8 Jesus, o Maior Psicólogo que já Existiu — Mark Baker
9 Maria, a Maior Educadora da História — Augusto Cury
10 O Monge e o Executivo — James Hunter
11 O Repórter do Outro Mundo — Zibia Gasparetto
12 Guardião de Memórias — Kim Edwards
13 Marley e Eu — John Grogan
14 Os Segredos da Mente Milionária — T. Eker
15 Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor? — Allan Pease

1º Piso
Shopping Iguatemi
F: 3250-5398
3º Piso
Shopping Iguatemi
F: 3250-5574
Estação das Docas
Armazém 2
F: 3212-3298
newstime@amazon.com.br